

Maçonaria e Religião II

As **confrarias** de pedreiros medievais cresceram e prosperaram sob o patrocínio e controle da igreja romana. Antigos manuscritos ingleses contendo rituais maçônicos fazem alusão à Virgem Maria¹ e à “Santa Madre Igreja”, e podemos supor que as primitivas cerimônias maçônicas refletissem de alguma forma aspectos do culto religioso católico, a exemplo do que ocorria com as cerimônias de outras corporações operativas como as dos marceneiros, seleiros, chapeleiros e outros.

Pesquisa arqueológica recente encontrou vestígios de lojas maçônicas nos átrios de muitas igrejas européias, confirmando que, ao contrário dos costumes do início do século XVIII, quando na Inglaterra muitas lojas tinham como local de reuniões os salões privativos de tabernas londri-

nas, as iniciações antigas eram preferencialmente realizadas ao abrigo dos átrios eclesiais.²

Em 1723 foi publicado pela Grande Loja de Londres (mais tarde Grande Loja Unida da Inglaterra) a famosa obra de James Anderson³

Aula 7

Objetivos:

- Comentar os conflitos históricos entre a Maçonaria e as religiões estabelecidas;
- Desfazer mitos quanto à configuração religiosa da Maçonaria;
- Esclarecer a posição maçônica sobre o tema.

Confrarias: Construtores de mosteiros, abadias, igrejas e castelos, os pedreiros vinculavam-se naturalmente à instituição religiosa que à época dominava a Europa, a igreja católica romana.

As constituições. Em seu texto encontramos, no título *Concernente a Deus e à Religião*:

“Todo maçom é obrigado, em virtude de seu título, a obedecer a lei moral e, se entende bem a arte, não será jamais um ateu estúpido, nem irreligioso libertino. Assim como, nos tempos passados, os maçons estavam obrigados, em todo país, a professar a religião de sua própria pátria ou nação, qualquer que fosse, assim no presente nos pareceu mais oportuno não obrigar mais do que a religião na qual todos os homens estão de acordo, deixando a cada um sua opinião particular.

Esta religião consiste em ser bons e verdadeiros, honrados e honestos, qualquer que seja a denominação ou crença com a qual possam ser distinguidos” (grifos meus).

Este tema também é abordado nos *landmarks* nºs. 19, 20 e 21, da classificação de Mackey, que registram:

■ (19º) “A crença no Grande Arquiteto do Universo é um dos mais importantes *Landmarks* da Ordem. **A negação desta crença é impedimento absoluto e insuperável para a iniciação”**.

■ (20º) “Subsidiariamente a essa crença, é exigida a crença em uma vida futura”.

■ (21º) “É indispensável à existência, no altar, de um livro da lei, o livro que, conforme a crença, se supõe conter a verdade revelada pelo Grande Arquiteto do Universo, **não cuidando a maçonaria de intervir nas peculiaridades da fé religiosa de seus membros, esses livros podem variar de acordo com os credos.** Exige, por isso, este *landmark*, que um livro da lei seja parte integrante dos utensílios de uma loja.” (os grifos são meus)

Segundo os textos acima, a maçonaria admite “um princípio Criador”, que denomina Grande Arquiteto do Universo, mas nada acrescenta a esse tema. Não existem definições, desenvolvimento do conceito ou teologia associada descrevendo características e atributos desse criador. Também nenhuma idéia é desenvolvida para explicar a “vida futura”, se ressurreição, reencarnação, vida espiritual num limbo, purgatório ou paraíso, **nada é acrescentado.** Qual terá sido a razão para esta ausência de explicações? Lembremos que o **Reverendo James Anderson** era pastor protestante e “Doutor em Divindade”, o teólogo da época, e que Jean Theophile Desaguliers (que alguns consideram a verdadeira “cabeça pensante” por trás das **Constituições**), foi capelão do Príncipe de Gales,⁴ portanto ambos possuíam pensamento teológico definido que, contudo, não quiseram registrar.

A razão é simples: a nova instituição que estava sendo moldada a partir da antiga guilda de pedreiros tinha como princípio fundamental a fraternidade - acima das divisões humanas, tendências políticas, filosóficas ou religiosas. Se optassem por uma das definições teológicas já existentes na época, estariam filiando a maçonaria à instituição que emitira aquele conceito, e desse modo afastariam todos que pensassem de modo diferente; se propusessem uma nova concepção, estariam dando à Ordem os contornos de uma nova religião, e assim afastariam também os sinceros adeptos de todas as outras. Como nos ensina o *landmark* nº. 21, a maçonaria jamais pretendeu ser uma religião, ou favorecer qualquer daquelas já existentes. Simplesmente deixa a seus membros a decisão de escolherem o caminho religioso que mais lhes agrada. O princípio de proibir discussão de religião e política dentro dos trabalhos de loja deve-se à necessidade de evitar confronto de idéias, que pela sua natureza envolvente venham a suscitar animosidades acabando por prejudicar a harmonia e fraternidade das reuniões, porquanto questões religiosas e polí-

ticas têm sido historicamente motivadoras de sangrentos conflitos, muitas vezes entre pessoas de uma mesma nação.

Assim, enquanto não se alinha com qualquer das religiões já existentes, a maçonaria também não deseja apresentar-se como sendo delas uma possível substituta. Não existe no pensamento maçônico a pretensão de apresentar a Instituição como detentora de verdades mais amplas, superiores e profundas do que aquelas das religiões, sendo, portanto, completamente desprovido de significado falar-se de “Deus maçônico”, ou de “conceito maçônico de Deus”. Contudo, mesmo sem desenvolver qualquer teologia, os *landmarks* citados estabelecem a importância fundamental de estar o maçom vinculado a uma religião que admita um princípio criador, cuja caracterização, entretanto, é função dessas religiões, não da maçonaria.

Alguns autores comentam texto de Anderson citado acima, ressaltando o trecho que se refere à “*religião na qual todos os homens estão de acordo*”, no qual vê o pensamento **deísta**, referindo-se à maçonaria como sendo

essa religião. Outros vão muito mais longe, sugerindo que a referência seja alusão a uma liga de judaísmo mundial.⁵ Ao que parece, esses autores não leram sequer a continuação daquele texto, onde ele claramente explica o que é essa “*religião na qual todos os homens estão de acordo*”, pois logo a seguir continua:

“isto é, ser homens bons, leais e verdadeiros, qualquer que seja a denominação ou crença com a qual possam ser distinguidos”.

Onde está a “religião teísta universal eivada de panteísmo”?⁶ certamente não nas **Constituições** de Anderson.

Também a frase do mesmo texto, que diz: “...*não será jamais ateu estúpido...*” foi objeto de sofismas, quando maçons franceses sugeriram que a condenação de Anderson recaia explicitamente sobre o ateu estúpido, não havendo qualquer oposição ao ateu inteligente.

Parece ter sido essa a perspectiva adotada pelo Grande Oriente da França, quando em

1877 suprimiu de seus rituais as invocações ao Grande Arquiteto Do Universo, retirando a seguir a bíblia de seus altares. Hoje dizem poder ser a mesma “*substituída até por um catálogo telefônico*”.⁷ Em meados do século passado, intelectuais materialistas foram iniciados em lojas francesas e levaram seus pensamentos às últimas conseqüências. Entenderam que, assim como não se deve obrigar o maçom a aceitar uma fé ou religião específica, deve-se admitir total liberdade de pensamento, permitindo-se também a desvinculação total de qualquer formulação religiosa.

Alguns foram mais longe, argumentando que se alguém aceita um dogma religioso como verdade, tem cerceado sua liberdade, considerando assim incompatíveis a liberdade de pensar maçônica e a aceitação das normas de qualquer religião. Estes pensamentos estiveram subjacentes durante todo o período em que na segunda metade do século dezenove acirraram-se os conflitos entre o clero e a maçonaria francesa do Grande Oriente, sobre os quais voltaremos a comentar adiante.

A Grande Loja Unida da Inglaterra publicou declaração em 1985 definindo as diretrizes básicas da maçonaria, as quais transcreveremos a seguir:

1) Enunciado Fundamental

A maçonaria não é uma religião nem substituto da religião. Ela exige de seus adeptos a crença em um ser supremo do qual, todavia, não oferece uma doutrina de fé. A maçonaria é aberta a homens de todas as fés religiosas. Nos trabalhos de loja é proibido se discutir religião.

2) O Ser Supremo

Os nomes utilizados para indicar o Ser Supremo permitem a homens de fés diferentes unir-se em prece a Deus como cada um deles o concebe, sem que o conteúdo da prece seja causa de discórdia. Não existe qualquer deus maçônico. O deus do maçom é aquele da religião que ele professa. Os maçons mantêm respeito recíproco pelo Ser Supremo definido como tal em sua respectiva religião. Não é objetivo da Maçonaria procurar unificar religiões diversas: não existe, portanto, qualquer deus maçônico composto.

3) O Livro da Lei Sagrada

A Bíblia, considerada pelos maçons como o Livro da Lei Sagrada, é sempre aberto durante os trabalhos de Loja.

4) As Obrigações dos Maçons

Os maçons assumem compromisso jurando sobre o Livro da Lei Sagrada. Eles se empenham em manter segredo sobre os sinais de reconhecimento e em seguir os princípios da maçonaria.

As punições físicas, que são puramente simbólicas, não são objeto de compromisso. **O empenho em seguir os princípios da maçonaria é obrigatório.**

5) Confronto entre maçonaria e religiões

Na maçonaria **não existem os seguintes elementos constitutivos de uma religião:**

- uma doutrina teológica; vetando-se as discussões sobre religião, se deseja impedir o surgimento de uma doutrina teológica maçônica;
- oferta de sacramentos;
- A promessa de salvação mediante obras, conhecimento de segredos ou outros meios; os segredos da maçonaria referem-se a métodos de reconhecimento e não à salvação.

6) A maçonaria respeita a religião

A maçonaria não é, de modo algum, indiferente à religião. Sem interferir com a prática religiosa, ela incentiva seus adeptos a seguirem sua fé particular, pondo seus deveres em relação a Deus (em todos os nomes mediante os quais ele seja conhecido) acima de todos os outros. Os ensinamentos morais da maçonaria são aceitáveis por todas as religiões. Desta maneira, a Maçonaria respeita as religiões.⁸

Essa declaração teve como objetivo esclarecer todos os equívocos existentes sobre o tema, em que, infelizmente, ainda permanecem.

A maçonaria é então, como bem define a introdução do ritual de aprendiz: **Um Sistema de Moral, velado por alegorias e ilustrado por**

símbolos. Sua definição mais objetiva é apresentada pelo chanceler no início de todas as sessões do grau de Aprendiz, no Rito Escocês:

“É uma instituição que tem como objetivo tornar feliz a humanidade pelo amor, pelo aperfeiçoamento dos costumes, pela tolerância, pela igualdade, pelo respeito à autoridade e à crença de cada um.”

Portanto, a maçonaria não objetiva ser meio de salvação espiritual, ou ponte entre os humanos e qualquer poder transcendente, mas visa cooperar para o aperfeiçoamento pessoal do homem, e por meio dele aprimorar as instituições sociais, nesta vida, neste planeta, tendo como alvo, ainda que remota e utópica, a implantação de uma sociedade onde a prática da fraternidade seja colocada acima das divergências de pensamento religioso (esotérico ou exotérico), político, ou qualquer outra doutrina que produza divisão entre os seres humanos.

Olhando-se a história do Brasil do século 20, uma sociedade multi-religiosa, sincretista, com nítida separação entre poder político e religioso, pode tornar-se difícil compreender o significado, a novidade de uma organização que

no século XVIII admitia entre os seus membros homens de diferentes opções religiosas.

Lendo os documentos emitidos pela igreja católica da época, podemos observar como esta característica de liberdade de pensamento provocou temor e induziu autoridades eclesásticas e políticas a ações drásticas e incisivas. Uma coisa era patrocinar a guilda de construtores até participar como membro honorário de seus ritos operativos; outra muito diferente era aceitar as reuniões daqueles intelectuais, que jamais tinham, literalmente, “posto a mão na massa”, ou erigido qualquer tipo de construção, e que se reuniam sigilosamente, jurando não revelar seus segredos (nem mesmo no confessionário), a não ser a outros irmãos em loja. O que estariam tramando esses que se arvoravam como construtores sociais? Como se proporião “construir” o homem fora das vistas e do controle das autoridades civis e eclesásticas? Que idéias sediciosas estariam sendo divulgadas em oculto naquelas reuniões? Esta é a desconfiança manifesta desde a primeira condenação oficial da maçonaria pela igreja católica: a carta apostólica *In Eminenti*,⁹ de 28 de setembro de 1738, que comenta:

“Homens de todas as religiões e seitas, sob a aparência de honestidade natural por um pacto estreito e impenetrável conforme leis e estatutos por eles criados, obrigando-se por juramento, pronunciado sobre a Sagrada Escritura e sob penas graves a ocultar, por um silêncio inviolável, tudo o que praticam na sombra do segredo”.

Refletindo o mesmo espírito, o Papa Bento XIV fez publicar em 18 de maio de 1751 um documento onde repetia textualmente a condenação de seu antecessor e acrescentava:

“Entre os motivos mais graves de proibição e de condenação enumerados na referida constituição o primeiro é que nas mencionadas associações e conventículos convergem homens de todas as seitas e religiões: já se vê quão grande ruína isto pode causar à pureza da fé católica”¹⁰

O Satanismo de Leo Taxil

Dentro da efervescência do anticlericalismo que sacudiu a Europa em todo o século XIX, um francês nascido em 1854 acabou por tornar-se a origem das acusações de luciferismo e cultos satânicos agregados às outras habitu-

almente refletidas nos documentos eclesiásticos contra a maçonaria. Gabriel Jogang Pagés, com o pseudônimo de Leo Taxil¹¹, fundou em Paris, no ano de 1879, uma pequena editora especializada em publicações de qualidade duvidosa e cunho sensacionalista e anti-clerical. Pelos títulos de seus fascículos e folhetins já podemos ter uma idéia do conteúdo de suas obras: A Bíblia divertida, Abaixo os Curas, O filho do Jesuíta, Os crimes do clero atual, Leão XII, O Envenenador etc.



*Com o passar dos anos, o interesse por sua **literatura** decaiu, diminuindo as vendas, o que levou Taxil a promover um outro golpe.*

Escreveu uma carta confessando-se arrependido de suas ações e convertido à Santa Madre Igreja, colocando-se a seu serviço.

Em 1881 Taxil havia sido iniciado na loja “Os amigos da Honra Francesa”, da qual tinha sido expulso ainda no grau de aprendiz, agora na sua condição de “católico penitente”, dedica-se a partir de 1885 a publicações antimaçônicas, na sua nova qualidade de defensor da fé. Seus livros eram compostos a princípio em

consonância com as Encíclicas Papais, sendo autênticos rituais maçônicos entremeados com as suas mais desvairadas fantasias.

Em outras obras, predominava o aspecto mirabolante, sem qualquer contato com a realidade, onde rituais fantásticos eram inventados, desenvolvendo cultos luciferinos com sangrentas cerimônias satânicas, que eram devorados pelos leitores ávidos de sensacionalismo. Seus títulos eram bem sugestivos: A Franco-Maçonaria desvendada e explicada; O anticristo e a origem da maçonaria; Os assassinatos maçônicos; As irmãs maçons, etc.

Benimelli,¹² comenta a opinião de Taxil:

“A maçonaria era a sinagoga de Satã, onde este era adorado pelos altos graus sob a figura de Lúcifer, o anjo da luz. Ele era o autêntico deus bom, condenado injustamente por Adonai. E se o mal existia no mundo, era precisamente por causa desta transcendental injustiça cuja reparação final constituiria o supremo segredo da maçonaria. Este segredo era ignorado pelos graus inferiores e a imensa maioria dos maçons jamais o conheceria. Eram meros comparsas entregues à magia negra, desconhecendo

que a maçonaria era contra a igreja, ignorantes do poder existente nas “trans-lojas” que não eram outra coisa senão cenáculos luciferinos onde tinham lugar missas negras e outras cerimônias sacrílegas”.

Em seu livro **As irmãs maçons**, criou um suposto culto demoníaco feminino a que chamou **Palladismo**, chegando ao extremo de forjar a existência de uma personagem, Miss *Diana Vaughan*, suposta grande sacerdotisa daquele culto. Com o auxílio de sua secretária, Taxil escrevia as cartas de arrependimento de “Miss Vaughan”, que queria livrar-se das garras do satanismo e voltar à igreja católica. Muitas autoridades eclesiásticas apoiavam de público e através de cartas as “revelações” do autor, chegando algumas delas a oferecerem auxílio à fictícia Diana Vaughan. Em visita ao Vaticano, Leo Taxil foi cordialmente recebido por cardeais e teve uma entrevista pessoal com o próprio papa Leão XIII.

É compreensível que a igreja católica francesa tenha recebido de braços abertos alguém que fazia revelações tão monumentais contra seu desafeto de longa data, cujos membros arrogantemente manifestavam de público suas



Capa de um dos livros de Leo Taxil: “Os Mistérios da Franco Maçonaria”.

idéias anticlericais. Dentro da hierarquia maçônica criada por Taxil, foi apresentado um organismo internacional supostamente liderado por um conhecido maçom norte-americano da época, Albert Pike, chamado por ele de “papa da maçonaria”. Segundo Taxil, Pike teria reuniões semanais com o próprio Lúcifer, materializado no templo maçônico de Charleston, nos Estados Unidos.

As obras de Taxil foram traduzidas em diversos idiomas e seus artigos publicados em revistas e jornais católicos. Outros autores, influenciados pelo sucesso de Taxil, e tomando-o como referência, começaram também a explorar o mesmo tema. O próprio Taxil, diversificando-se, passou a escrever com outros pseudônimos, como o de Paul Rosen, que utilizou para escrever, entre outros: *Associação Universal para a destruição da Ordem Social-Revelações completas e definitivas de todos os segredos da Franco-maçonaria pelo mui Ilustre Soberano Grande Inspetor geral do Grau 33 e último da Franco-Maçonaria*.

As descrições das cerimônias chegavam ao ridículo, como aquela de uma suposta mate-

rialização de um demônio na forma de um crocodilo, que caminhando até o piano, teria executado uma peça musical. Benimelli¹³ comenta:

“Que uma nação que viu nascer Descartes pudesse aceitar e engolir semelhantes sandices é algo inverossímil, mas real. Durante doze anos foi devorada por um público cativo toda essa miscelânea de imbecilidades que Leo Taxil entregava, fascículo após fascículo.”

Apesar do desmentido oficial do Grande Oriente da França, do Bispo de Charleston (que conhecia Albert Pike e o seu templo maçônico) e de outras autoridades, os livros de Taxil continuavam sendo vendidos com sucesso. Sua influência crescia também em outras nações, a ponto de na Espanha e Bélgica serem formadas comissões especiais para investigação da maçonaria. Na Itália realizou-se em 1895 um congresso antimaçônico em Trento. Entretanto, algumas manifestações de descrédito dos exageros de Taxil começavam a aparecer. No congresso de Trento, o monsenhor alemão Gratzfeld explicou que a famosa “Miss Vaughan” não existia, era um

embuste, mas não foi levado a sério. Uma comissão foi criada nesse congresso para verificar a existência da misteriosa Diana Vaughan. Começaram a surgir dúvidas sobre a veracidade dos escritos e personagens. A publicação francesa *‘Peuple Français’* de 25 de outubro de 1896 comentava¹⁴:

“O abade Leon Garnier trata a pretensa sacerdotisa de Lúcifer de invenção, feita primeiro para assegurar bons negócios de livraria e segundo para acentuar a obra de corrupção que perseguia a maçonaria”.

Também em *La France Libre*, em 28 de setembro, e *La Croix*, de 24 de outubro, manifestavam-se dúvidas sobre todo o tema, e mesmo na Espanha, A **Leitura Dominical** desenvolvia o assunto em artigo intitulado “Fraude Descoberta”.

Com o crescente questionamento de seus escritos, e após frustradas tentativas de recuperar sua credibilidade, Taxil tomou uma atitude que surpreendeu a todos: convocando uma assembléia na Sociedade Geográfica de Paris, em 19 de abril de 1897, onde seriam apresen-

tados detalhes sobre o luciferismo maçônico, Taxil denunciou sua própria fraude, gabando-se de ter conseguido iludir as autoridades eclesiásticas por 12 anos, conseguindo delas cartas de apoio e solidariedade. Seu discurso foi publicado em toda a imprensa da época, sendo sua atividade durante aqueles doze anos considerada a maior fraude de todos os tempos. No texto já citado de José Ferrer Benimelli,¹⁵ os leitores interessados poderão encontrar a íntegra de seu longo discurso, que esclarece toda a trama. A reação às declarações de Taxil foi de tal ordem, que ele foi obrigado a deixar o local da reunião sob proteção policial.

Após esses eventos, não mais se ouviu falar de Leo Taxil, que veio a falecer em 1907.

Todavia, aplica-se a este caso a conhecida figura do travesseiro de penas sacudido ao vento: é impossível recolher todas. Outros autores continuaram escrevendo, reafirmando as fantasias de Taxil, e até em nossos dias, de tempos em tempos surge um autor que desenterra um dos livros de Taxil, ou de outro antigo autor por ele influenciado,



Esta é a figura em torno da qual, segundo a fantasia de Leo Taxil, os maçons circulavam em suas reuniões, como se pode observar ao fundo da ilustração anterior.

“revelando” novamente os “tenebrosos mistérios dos graus superiores da maçonaria,” o palladismo, e textos atribuídos a Albert Pike, todos temas originados da fértil imaginação de Leo Taxil.

Esses autores em geral não citam Taxil como sua fonte, apresentam seu tema como revelações de um ex-maçom, de preferência do grau 33, arrependido de suas práticas, repetindo o antigo esquema do livreiro francês, sem jamais citar o desmascaramento sofrido de público por todas essas idéias.

Os maçons norte-americanos, que periodicamente sofrem campanhas movidas por igrejas fundamentalistas repisando sempre as mesmas teclas de Taxil, referem-se à sua fraude como “The lie that will never die.”¹⁶ – a mentira que nunca morrerá.

Bem essa aula está acabando. Nela foi possível perceber que a maçonaria jamais pretendeu ser uma religião ou favorecer as já existem. Em nossa próxima aula, vamos comentar as razões do histórico conflito Maçonaria/Igreja Católica no Brasil e ressaltar o significado das reivindicações maçônicas à época, comparando-as com a realidade atual.